

Pelo Espelho Retrovisor

Newton Reginato

Procurador de Justiça (aposentado) do MPSP

Domingo. Custei pegar no sono de ontem para hoje, embora tenha dormido bem as horas necessárias, e sigo o ritual inquebrantável de todas as manhãs preparando e tomando o meu café lá pelas seis. Sou de levantar cedo. Feito o desjejum, sigo para o escritório onde passo a maior parte do dia, uma edificação à parte da minha moradia.

Bato o olho no tempo. O dia amanheceu claro, frio, com ligeiras rajadas de vento, e a temperatura está em elevação. Gosto do frio, mas não gosto do vento; nunca gostei e vivo dizendo isso.

Salvo o ronco de uma motocicleta que passou lá longe na estrada, aqui – no meu canto – reina um silêncio somente quebrado pelos latidos dos cães em correria pelo quintal e o tic-tac monótono do relógio de mesa que está a minha frente. É quase hora da primeira missa na Matriz.

Conhecendo, como conheço, a cidade onde moro, que é pequena e pacata, o movimento de pessoas neste horário (07:30) é morno. Algumas pessoas estão adentrando os mercadinhos que abrem suas portas bem cedo, outras saem das padarias numa movimentação quase lenta, e não são muitas aquelas que entram e saem das vendas e quitandas. Daqui poucas horas, esse passeio matinal de gente portando sacolinhas cederá o seu lugar para um outro quando o resto do comércio abrir. Aí, nos restaurantes, nas lanchonetes e nos bares, marcarão presença, como sempre, as mesmas pessoas com suas conversas

imutáveis que somente mudarão de lado. A farmácia de plantão, pelo horário, já está atendendo, e os postos de serviço, que são dois, já estão funcionando, porque todo domingo é assim para não dizer que, quase todos os dias da semana, são assim.

Acendo um cigarro e bebo água, imaginando uma série de comportamentos e pensamentos por parte das pessoas lá fora – inclusive os meus –, e faço indagações que muitas vezes me lançam num certo vazio causado por aquelas cujas respostas não consigo obter. Curiosidade insatisfeita?! Pode ser, por que não? Quem isso não sentiu, sente ou sentirá? Sejam os francos!

Não é do meu feitio preocupar-me com a vida alheia, porque todo aquele que se preocupa com a vida dos outros não cuida da sua própria, mas imaginá-la é uma espécie de exercício subjetivo muito comum quando me deparo com certas situações, e desse exercício ninguém escapa, creio, ao menos uma vez na vida. Ou escapa? É claro que não!

Outro dia, sentado ao volante estacionado numa vaga comum de rua, deparei-me com uma senhora mulata, baixinha e gordinha com a cabeça envolta num pano de saco alvejado, trajada com um vestido limpinho surrado e uma blusinha de lã velha, com os pés agasalhados e calçados por meias comuns e sandálias de dedo já bem gastas, trazendo dentro de um saquinho plástico, quase transparente, uns poucos legumes e outras coisinhas, exibindo no rosto uma serenidade sem igual que o seu caminhar refletia.

Na mesma calçada, poucos metros atrás dessa senhora, a passos rápidos, curtos, firmes, decididos, forçando equilíbrio nos saltos altos, vestida conforme a moda e irradiando sensualidade, vinha uma mulher bem mais jovem com um celular de última geração ao ouvido, carregando uma requintada bolsa de couro

pendurada no ombro cuja alça ela esmagava nervosamente com a mão, trazendo estampados no rosto, caprichosamente maquiado, sulcos formados por lágrimas escorridas que o seu semblante contrariado exibia como marcas de uma inesperada e intensa desilusão.

Acendi um cigarro e continuei a observar as duas mulheres pelo espelho retrovisor, ajustando-o para o meu conforto.

Metros adiante, a velha senhora sentou-se num banco de calçada diante de um espaço comercial vago, logo se vendo rodeada por três crianças risonhas que dela se aconchegaram carinhosamente e dela ganharam doces. No mesmo lugar e nitidamente desnorteada, desligando o celular e tentando guardá-lo nervosamente na bolsa, a outra mulher parou... parou e passou a olhar sua própria imagem refletida no vidro da vitrine da loja deserta como se vislumbrando estivesse um fantasma, um ser sem vida, perdido num espaço vazio.

A velha senhora, tomada pela alegria do momento, levantou-se e seguiu caminho sorrindo ladeada pelas crianças em buliço, enquanto que a jovem mulher, envolta num turbilhão de pensamentos, permaneceu parada diante da vitrine vazia enxugando lágrimas.

Esbocei um sorriso frio, porque é assim que procedo diante de certos comportamentos. Dispensei o toco do cigarro findo, acionei o motor do carro expelindo a fumaça da última tragada e, olhando mais uma vez pelo retrovisor, vi a jovem mulher seguindo o seu destino a passos lentos, agora sem charme, sem sensualidade, sem viço, envolta numa aura escura de sofrimento.

Dei marcha ao carro. Não me preocupei em subjetivar ou formular indagações cujas respostas

obviamente não conseguiria obter, apenas uma afirmativa – que certa vez ouvi e cuja autoria desconheço – me veio à lembrança: a de que *existem pessoas que, nada tendo, têm tudo, enquanto há outras que, tendo tudo, nada têm.*

E segui em frente.
